



Economia para Trabalhadores

Ano IV, Edição XXXIX

Agosto de 2016

Nesta edição:

Opinião 2

Atividade industrial - Brasil 3

Atividade Industrial - Santa Catarina 4

Indicadores 5

Apresentação

Caros(as) companheiros(as), esta é a 39ª edição do Economia para Trabalhadores, o boletim mensal da Subseção do Dieese na Fetiesc. Neste boletim de agosto o texto de opinião trata da reforma trabalhista, do caráter dissimulado da classe dirigente em defender seus interesses. No plano subjetivo, representantes do capital conquistaram a classe média, inclusive a nova propaganda pelo governo agora impedido. A partir deste momento, as reformas tendem a ser implementadas, não sem grande resistência do sindicalismo, dos movimentos sociais, setores religiosos, entre outros.

Nas seções seguintes, como de praxe, apresentamos indicadores da indústria no Brasil e em Santa Catarina. A produção da indústria segue apresentando recuperação em âmbito nacional e estadual. Os empresários no Brasil e em Santa Catarina estão confiantes, não à toa. Desde a abertura do processo de impeachment do governo eleito pelo povo, os indicadores de confiança dos empresários melhoraram. Em âmbito nacional o desemprego e a taxa de ociosidade média nas fábricas continuam crescendo, enquanto em Santa Catarina os registros são de saldo positivo para o emprego na indústria e redução da ociosidade nas unidades fabris.

As seções seguintes são de indicadores. Nos de conjuntura, cabe fazer menção sobre a volta do crescimento na variação do PIB da Indústria (0,3%) e dos investimentos (0,4%), na variação sobre o trimestre anterior. Por outro lado, o consumo das famílias segue registrando variação negativa (-0,7%) nesta série, consequência do que pode ser observado nos indicadores do mercado de trabalho, na página anterior, que apresentam crescimento do desemprego e perda real nos rendimentos do trabalho.

Boa leitura!

Opinião* - O caráter dissimulado da reforma trabalhista

A reforma trabalhista envolve evidente conflito de interesses entre as classes sociais e, por isso, não há espaço para simplificações. Basta analisar as Agendas trabalhistas das entidades de representação patronal e dos trabalhadores, para perceber o contraste. De modo geral, não há convergência de reivindicações neste campo, pelo contrário.

O Brasil refletiu de forma objetiva os efeitos mais fortes da crise econômica que atingiu o mundo em 2014, ano a partir do qual a estagnação cedeu espaço a forte retração da atividade econômica em 2015 e 2016. Não parece sensato isolar os determinantes políticos da crise econômica do país. Nesse campo, parece-me que as manifestações de junho de 2013 serviram como um alerta para os donos do poder no país que, desde então, reforçaram um movimento pela mudança no governo, através de ações do legislativo, do judiciário, da imprensa e de setores da sociedade civil (entidades empresariais e algumas organizações de profissionais liberais).

Ademais, a crise que instalou-se no Brasil também tem condicionantes objetivos da economia. Para além da propalada queda dos preços das commodities, que impactou a rentabilidade dos investimentos dos produtores, a queda dos investimentos privados parece ter sido resultante de uma, mais ampla, tendência decrescente da taxa de lucros nas empresas. Segundo levantamento do IEDI, que considerou as demonstrações de resultados de 340 companhias não financeiras de capital aberto, o lucro líquido passou de uma média de 3,9% do PIB a preços de mercado em 2010, para -1,2% do PIB em 2015. Das 144 indústrias, desconsiderando Petrobrás e Vale, a margem líquida (relação lucro líquido e receita líquida) passou de 8,3% para 0,5% no período (Valor Econômico, 21/06/2016, "Rentabilidade menor reduziu investimentos, mostra estudo").

Aqui está, seguramente, o fundamento da pressão exercida pelas entidades patronais pela reforma trabalhista e, possivelmente, a explicação para a barbárie que o cenário político está configurando, com um presidente não eleito propondo mudanças na Constituição e na Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), tudo dentro de um processo supervisionado pelo Supremo Tribunal Federal (STF) e defendido pela imprensa. Será que o estopim foi o povo ter posto a democracia em prática, no ano de 2013? Será que foi o fato de, novamente, assim como no período que antecedeu o Golpe Civil-Militar de 1964, os trabalhadores conquistarem ganhos de renda a ponto de diminuir de forma relevante uma desigualdade que ainda é absurda?

A reforma trabalhista que o governo atual pretende promover, a defendida pelas entidades patronais, avança, entre outras questões, para 1) a autorização da terceirização ampla e irrestrita; 2) a negociação entre sindicatos prevalecer sobre a legislação trabalhista. Utilizando-se da publicidade e de seus porta-vozes na imprensa, as entidades empresariais defendem tais medidas como necessárias para modernizar as relações de emprego no país e, assim, tornar o Brasil mais competitivo. No entanto, a verdade, de tempos em tempos, vem à tona.

Em um artigo recentemente publicado ("Brasil: A dialética da dissimulação"), Fábio Konder Comparato, professor

emérito da USP, defendeu a tese de que há um caráter dissimulado na mentalidade da classe dirigente no Brasil, que se evidencia na contradição entre aparência e realidade, o que repercute na vida social. O autor realiza uma análise histórica, utilizando manifestações desta contradição desde o período da escravidão, passando pela proclamação da República e problematizando o tipo de democracia que se compreende e, porque não dizer, se aceita no Brasil, sempre analisando o ordenamento jurídico: "*por trás do direito oficial - em geral de nível equivalente ao dos países mais adiantados, mas de vigência mais aparente do que efetiva -, vigora um outro direito, em tudo conforme aos interesses da oligarquia dominante.*". Tudo isso faz com que a leitura seja interessante, mas restrinjo-me aqui à esta noção de duplicidade de caráter e de dissimulação de poder.

Recentemente, por exemplo, o presidente da CNI com os olhos na França defendeu que as reformas por aqui, onde estão seus pés, deveriam acompanhar as mudanças que ele verificara por lá, podendo os trabalhadores estarem empregados por jornada de até 80 horas semanal (?). Não demorou para que a CNI emitisse nota, procurando dissimular o verdadeiro interesse do presidente da entidade. A concepção de modernização do presidente da CNI, é fazer com que a jornada de trabalho seja igual ou até mais extensa do que a praticada durante o período de emergência da grande indústria, na Inglaterra do século XVIII.

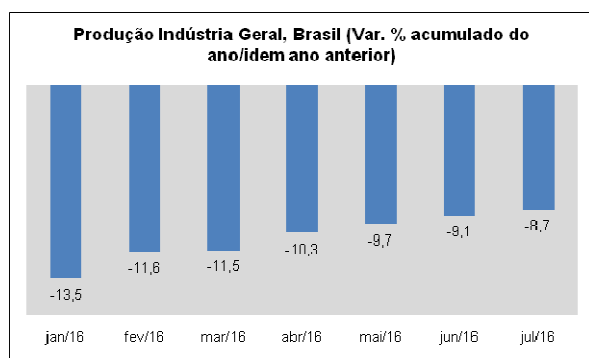
Da mesma forma, pelo mesmo interesse, defendem a autorização dos contratos de trabalho terceirizados para toda e qualquer atividade, sem que a empresa contratante seja responsável pelo ambiente de trabalho da contratada. A consequência direta para a classe trabalhadora e para a sociedade é o crescimento dos acidentes de trabalho fatais e os registros de trabalho análogo ao escravo. A terceirização fragmenta a categoria e impõe obstáculos à organização sindical e à fiscalização por parte de órgãos do Estado. Enfim, ela abre espaço para práticas de precarização do trabalho, realidade que caracteriza a terceirização no país, e retarda o desenvolvimento. De 2010 a 2013, considerando os 10 maiores resgates de trabalhadores em condição análoga à de escravos por ano, ou seja, os 40 maiores resgates no período, 36 envolviam terceirizados. Do total de trabalhadores resgatados nestes casos (3.553 trabalhadores), 2.998 eram terceirizados (84,4%). Estes dados são do Departamento de Erradicação do Trabalho Escravo (Detrae) e foram sistematizados na Nota Técnica nº 216 de 2016 da Secretaria de Inspeção do Trabalho (SIT/MTE).

Cabe a nós trabalhadores, as famílias, estarmos atentos e não nos deixarmos iludir com a imprensa que busca deteriorar a imagem e criminalizar a luta do sindicalismo e dos movimentos sociais. As reformas estão por vir e a sociedade brasileira não precisa passar mais trinta anos de ressaca. Não precisamos de mais um tipo de "modernização conservadora". Precisamos continuar avançando no caminho para uma democracia com povo e para a consolidação de uma República de fato. Isso significa que precisamos continuar lutando contra as desigualdades e a concentração de renda, ou seja, precisamos negar as reformas pretendidas pelo atual governo.

(*) Mairon E. Brandes, economista.

Atividade Industrial - Brasil

A produção industrial mensal continuou a apresentar crescimento na série que considera o mês imediatamente anterior, com ajuste sazonal, em julho. Esta dinâmica é observada desde o registro de março. Na passagem de junho para julho a variação, ainda que positiva, foi menor (0,1%). Na comparação com o mesmo mês do ano passado, no entanto, houve uma queda de 6,6% na produção industrial. Apesar da retração na comparação mensal, na série que considera o acumulado do ano, a intensidade da queda da produção continua diminuindo (ver gráfico). No primeiro semestre a retração foi de -9,1% e até julho foi de -8,7%. Nos últimos doze meses a queda da produção industrial no país continua sendo de pouco menos que 10,0%.



Fonte: Pim/IBGE. (Elaboração: Dieese - Subseção na Fetiesc)

A análise do indicador de produção pelas grandes categorias revela que na passagem de junho para julho a indústria de bens de capital voltou a apresentar queda (-2,7%). Até o mês de julho este grupo registrou uma retração de 18,5% na produção e nos últimos doze meses a queda chegou a quase 25%. As categorias que registraram crescimento na produção entre fim do primeiro semestre e início do segundo foram a de bens intermediários (1,6%) e a de bens de consumo duráveis (3,3%). Apesar da alta, esta categoria também registra forte queda no acumulado do ano (-21,4%) e nos últimos doze meses (-23,1%).

Segundo pesquisas mensais da CNI, o faturamento real da indústria de transformação voltou a cair em julho, com relação ao mês anterior (-4,3%), feito o ajuste sazonal. No acumulado do ano, até julho, a queda do faturamento real che-

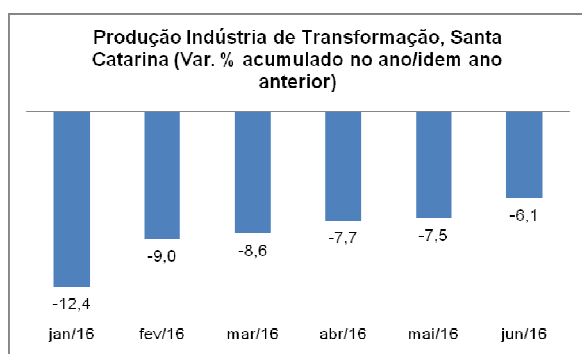
gou a 12,0%. A pesquisa do nível de estoques efetivos revelou que em julho estes estavam, na média, dentro do planejado pelas empresas. A ociosidade na capacidade instalada das unidades fabris calculada em julho (22,8%) revela que esta continua maior neste ano, nas comparações mensais, do que no ano passado (21,2% em julho de 2015). O humor (confiança) dos empresários industriais, no entanto, cresceu muito em julho deste ano com relação ao mesmo período do ano passado (de 37,1 para 51,5 pontos), fazendo com que o indicador deixasse um patamar de pessimismo para um que caracteriza confiança. Com relação as expectativas para os próximos seis meses a confiança é ainda maior (56,2 pontos).

Outro indicador objetivo, no entanto, também revela a deterioração da atividade, ainda que este também tenha diminuído a intensidade da queda. Segundo o registro de saldo do fluxo de empregos formais na indústria de transformação do país, do Caged/MTE, em julho foram encerrados pouco mais que 13 mil vínculos no setor (-0,2%); no ano, até julho, foram pouco mais que 153 mil (-2,0%); e nos últimos doze meses foram fechados pouco mais que 539 mil (-6,7%) vínculos formais de emprego na indústria de transformação.

Com relação ao comércio exterior, as exportações de produtos manufaturados continua apresentando crescimento em quantum. Em julho deste ano, com relação ao mesmo período do ano passado este crescimento foi de 8,0%; no acumulado até julho a alta foi de 10,2%; e quando considerado os doze últimos meses houve expansão de 8,6% nas exportações destes produtos. As importações do total de produtos registra retração de 20% a 30% em todas as séries temporais. Com a queda da taxa real de câmbio efetiva no período mais recente, a rentabilidade das exportações também teve queda e o custo unitário do trabalho, indicador de competitividade, registrou crescimento (perda de competitividade) em julho deste ano com relação ao mesmo período do ano passado (4,0%). Até julho, no entanto, este indicador (CUT) registra ainda uma queda de 9,3%.

Atividade Industrial - Santa Catarina

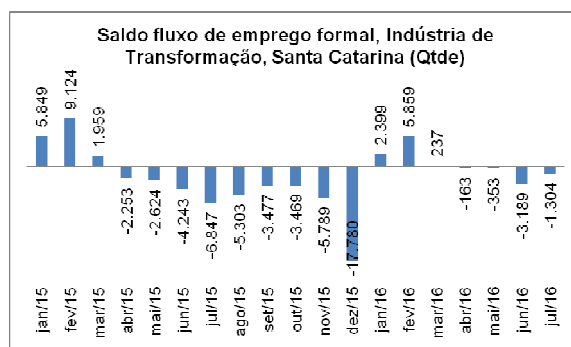
Na passagem de maio para junho, na série com ajuste sazonal, a produção industrial catarinense registrou crescimento de 5,4%. Na comparação com o mês de junho do ano passado, houve um crescimento de 0,6% na produção. Apesar do resultado positivo em junho, no período acumulado do primeiro semestre houve uma queda de 6,1% na produção industrial, com relação ao mesmo período do ano passado. Nos últimos doze meses a retração foi de 8,0%.



Fonte: Pim/IBGE. (Elaboração: Dieese - Subseção na Fetiesc)

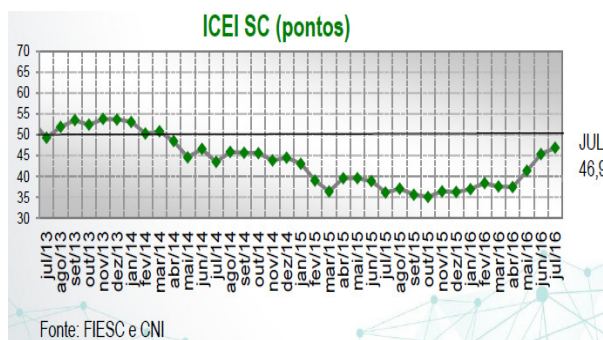
Dentre os setores observados, a indústria de confecção de artigos do vestuário registrou crescimento de 0,6% na produção em junho, com relação ao mesmo mês de 2015. Os demais setores apresentaram recuo: celulose, papel e produtos de papel (-3,8%), têxtil (-1,1%), borracha e plástico (-0,9%). No acumulado do primeiro semestre todos estes setores apresentaram recuo. A menor queda da produção foi registrada no setor do vestuário (-1,5%) e a maior no de borracha e plástico (-10,2%). A série dos últimos doze meses revela crescimento na produção do setor do vestuário (0,4%) e queda nos demais, com destaque para o têxtil (-12,8%).

Apesar da queda da produção industrial no semestre, o saldo da movimentação do emprego formal na indústria de transformação é positivo neste período (aproximadamente, 3,4 mil vínculos, ou 0,5%). Assim, a série dos últimos doze meses segue registrando diminuição no patamar de queda (-4,9%, ou 33,7 mil vínculos).



Fonte: Caged/MTE. (Elaboração: Dieese - Subseção na Fetiesc).

Segundo pesquisas da Fiesc, o faturamento real da indústria catarinense segue apresentando recuo. No período acumulado até julho a retração foi de 11,0%. Dentre os setores observados, o que registra maior queda no faturamento, segundo esta pesquisa, é o do vestuário. Como pela pesquisa do IBGE este apresenta melhor resultado em termos de produção, a explicação deve estar na prática de preços mais baixos neste setor. Em outra direção, a pesquisa de utilização da capacidade instalada na indústria catarinense, também realizada pela Fiesc, registra expansão (taxa média de 80,7% em julho deste ano, enquanto foi de 79,3% em julho de 2015). O Índice de Confiança do Empresário Industrial, também sondado pela entidade patronal, revela crescimento de 10,7 pontos em um ano. As expectativas com relação aos próximos seis meses atingiu um patamar que caracteriza otimismo (51,2 pontos).



Fonte: FIESC e CNI

INDICADORES INDUSTRIAIS - BRASIL (em %)

PRODUÇÃO INDUSTRIAL (IBGE)	Jul/Jun	Jul/Jul	Até Jul	U12M
<i>Geral</i>	0,1	-6,6	-8,7	-9,6
<i>Extrativa</i>	1,6	-9,9	-13,4	-9,0
<i>Transformação</i>	-0,1	-6,1	-8,0	-9,7
Grandes categorias				
Bens de capital	-2,7	-11,9	-18,5	-24,7
Bens intermediários	1,6	-5,0	-8,3	-8,1
Bens de consumo	-1,0	-8,3	-6,9	-8,6
Bens de consumo - <i>duráveis</i>	3,3	-16,2	-21,4	-23,1
Bens de consumo - <i>semiduráveis e não duráveis</i>	-1,9	-6,3	-2,9	-4,6
FATURAMENTO REAL (CNI)	Jul/Jun	Jul/Jul	Até Jul	U12M
	-4,3	-15,0	-12,0	-
NÍVEL DE ESTOQUES (CNI)	-	Jul. 2015	Jun. 2016	Jul. 2016
Relação efetivo-planejado	-	52,5	49,4	50,0
TERMÔMETROS DE ATIVIDADE	Jul/Jun	Jul/Jul	Até Jul	U12M
Expedição de papelão ondulado (ABPO)	1,7	0,1	-2,1	-
Consumo de energia elétrica industrial (EPE)	-	-0,2	-4,6	-5,8
Produção de aço bruto (Aço Brasil)	-	-6,0	-12,0	-
CAGED - Ind. Transformação (MTE)	Jul/Jun	Jul/Jul	Até Jul	U12M
<i>Saldo (qtde)</i>	-13.298	-	-153.197	-539.307
<i>(%)</i>	-0,2	-	-2,0	-6,7
Utilização da Capacidade Instalada (CNI)	-	Jul. 2015	Jun. 2016	Jul. 2016
<i>(% média)</i>		78,8	77,6	77,2
ICEI - Índice de Confiança do Empresário Industrial (CNI)	-	Ago. 2015	Jul. 2016	Ago. 2016
		37,1	47,3	51,5
<i>Condições atuais</i>		28,1	37,4	42,2
<i>Expectativas</i>		41,5	52,3	56,2
COMÉRCIO EXTERIOR (Funcex)		Jul/Jul	Até Jul	U12M
Exportação - manufaturados				
<i>Quantum (%)</i>		8,0	10,2	8,6
<i>US\$ (%)</i>		-2,0	-2,3	-5,4
Importação - total				
<i>Quantum (%)</i>		-21,2	-19,4	-21,1
<i>US\$ (%)</i>		-27,2	-27,6	-30,2
Índice de Rentabilidade das exportações - total (%)		-11,1	-4,5	0,1
Índice de Termos de troca - total (%)		2,0	-3,6	-7,1
INDICADORES DE COMPETITIVIDADE (BCB)		Jul/Jul	Até Jul	U12M
Custo unitário do trabalho (Var.%)		4,0	-9,3	-
Índice de taxa real de câmbio efetiva (Var.%)		-11,5	5,2	-
Índice de taxa real de câmbio corrigida pela produtividade (%)		-21,5	-6,2	-

INDICADORES INDUSTRIAIS - SANTA CATARINA (em %)

PRODUÇÃO (IBGE)	Jun/Mai	Jun/Jun	Até Jun	U12M		
<i>Transformação</i>	5,4	0,6	-6,1	-8,0		
<i>Têxtil</i>	-	-1,1	-7,0	-12,8		
<i>Vestuário</i>	-	0,6	-1,5	0,4		
<i>Celulose, Papel e Produtos de Papel</i>	-	-3,8	-4,8	-3,5		
<i>Borracha e Plástico</i>	-	-0,9	-10,2	-11,8		
FATURAMENTO REAL (Fiesc)	Jul/Jun	Jul/Jul	Até Jul	U12M		
<i>Transformação</i>	-	-7,6	-11,0	-		
<i>Têxtil</i>	-	-	-10,1	-		
<i>Vestuário</i>	-	-	-13,5	-		
<i>Celulose, Papel e Produtos de Papel</i>	-	-	-9,8	-		
<i>Plástico</i>	-	-	-11,3	-		
CAGED - Ind. Transformação (MTE)	Jul/Jun	Jul/Jul	Até Jul	U12M		
<i>Saldo (qtde)</i>	-1.426	-	3.394	-33.667		
<i>(%)</i>	-0,2	-	0,5	-4,9		
Utilização da Capacidade Instalada (Fiesc)	Jul. 2015		Jul. 2016			
<i>(% média)</i>	79,3		80,7			
ICEI - Índice de Confiança do Empresário Industrial (Fiesc)	Jul. 2015	Jun	Jul. 2016			
	36,2	45,4	46,9			
<i>Condições atuais</i>	29,4	36,1	38,4			
<i>Expectativas</i>	39,7	49,9	51,2			
COMÉRCIO EXTERIOR - BRASIL (Funcex)	Jul/Jul		Até Jul		U12M	
	US\$(%)	Qtde(%)	US\$(%)	Qtde(%)	US\$(%)	Qtde(%)
Exportações						
<i>Têxtil</i>	-13,8%	-6,5%	11,2%	21,1%	-4,4%	6,6%
<i>Vestuário e acessórios</i>	-1,8%	14,4%	-5,6%	11,9%	-10,8%	11,5%
<i>Couro e calçados</i>	-9,0%	7,1%	-10,7%	11,8%	-17,0%	7,4%
<i>Papel e celulose</i>	-17,4%	-2,7%	-0,1%	10,9%	5,1%	10,9%
<i>Produtos químicos</i>	-16,9%	-2,8%	-6,9%	8,2%	-12,2%	5,6%
<i>Produtos de material plástico</i>	-7,8%	3,6%	-5,9%	8,2%	-7,3%	6,8%
Importações						
<i>Têxtil</i>	-20,8%	-14,1%	-34,2%	-29,4%	-36,3%	-32,7%
<i>Vestuário e acessórios</i>	-58,0%	-63,9%	-48,9%	-52,5%	-38,2%	-41,1%
<i>Couro e calçados</i>	-48,3%	-49,3%	-39,4%	-41,2%	-34,9%	-35,2%
<i>Papel e celulose</i>	-26,2%	-22,1%	-30,1%	-25,6%	-33,4%	-29,2%
<i>Produtos químicos</i>	-28,0%	-16,9%	-19,2%	-5,9%	-22,0%	-11,4%
<i>Produtos de material plástico</i>	-24,9%	-18,5%	-29,1%	-24,4%	-28,7%	-24,6%
Índice de Rentabilidade das exportações (Var.%)	Jul/Jul		Até Jul		U12M	
<i>Têxtil</i>	-14,0%		0,2%		8,9%	
<i>Vestuário e acessórios</i>	-19,1%		-5,7%		-1,4%	
<i>Couro e calçados</i>	-19,1%		-11,2%		-5,5%	
<i>Papel e celulose</i>	-19,9%		-1,5%		13,0%	
<i>Produtos químicos</i>	-15,5%		-3,3%		1,7%	
<i>Produtos de material plástico</i>	-13,1%		-2,5%		5,5%	

INDICADORES DO MERCADO DE TRABALHO

Custo de Vida				
Inflação		Jul (%)		Var. 12 meses (%)
ICV/DIEESE		0,21		8,25
INPC/IBGE		0,64		9,56
IPCA/IBGE		0,52		8,74
IGP-DI/FGV		-0,39		11,23
IGP-M/FGV		0,18		11,63
IPC/FIPE		0,35		9,63
Cesta Básica	Florianópolis	Jul	Varição acum. no ano (em %)	4,49
			Valor mensal (em R\$)	443,11
Salário Mínimo Necessário e Piso Regional Catarinense				
Salário Mínimo Nacional	Julho		Valor nominal (em R\$)	880,00
Salário Mínimo Necessário	Julho		Valor nominal (em R\$)	3.992,75
Piso Regional SC	Faixa I		Valor nominal (em R\$)	1.009,00
	Faixa II		Valor nominal (em R\$)	1.048,00
	Faixa III		Valor nominal (em R\$)	1.104,00
	Faixa IV		Valor nominal (em R\$)	1.158,00
Movimentação do Emprego - Indústria de Transformação no Brasil				
		Total Admissões	Total Desligamentos	Saldo
		(Qtde)	(Qtde)	(Qtde)
Em julho¹		189.729	203.027	-13.298
No ano²		1.461.068	1.614.265	-153.197
Nos últimos 12 meses³		2.384.340	2.923.647	-539.307
				Var. Emprego (%)
				-0,2
				-2,0
				-6,7
<small>(¹) Variação considera o estoque do mês anterior; (²) Variação considera o estoque do mês atual e do mês de dezembro do ano anterior, com ajustes; (³) Variação considera o estoque no mês atual com o estoque do mesmo mês do ano anterior, com ajustes.</small>				
Movimentação do Emprego - Indústria de Transformação em Santa Catarina				
		Total Admissões	Total Desligamentos	Saldo
		(Qtde)	(Qtde)	(Qtde)
Em julho¹		19.237	20.663	-1.426
No ano²		160.936	157.542	3.394
Nos últimos 12 meses³		245.813	279.480	-33.667
				Var. Emprego (%)
				-0,2
				0,5
				-4,9
<small>(¹) Variação considera o estoque do mês anterior; (²) Variação considera o estoque do mês atual e do mês de dezembro do ano anterior, com ajustes; (³) Variação considera o estoque no mês atual com o estoque do mesmo mês do ano anterior, com ajustes.</small>				
Rendimento Médio Real Habitualmente Recebido pelos Ocupados (todos os trabalhos)				
Brasil		Valor (em R\$)		1.985,00
		Mai a Jul 2016/idem ano anterior (em %)		-3,0
Santa Catarina		Valor (em R\$)		2.048,00
		2º trimestre 2016/idem ano anterior (em %)		-8,5
Massa Real de Rendimentos Habitualmente Recebidos pelos Ocupados (todos os trabalhos)				
Brasil		Valor (R\$ em milhões)		175.336,00
		Mai a Jul 2016/idem ano anterior (em %)		-4,0
Santa Catarina		Valor (R\$ em milhões)		6.805,00
		2º trimestre 2016/idem ano anterior (em %)		-10,3
Taxa de Desocupação				
Brasil		Mai a Jul 2016 (em %)		11,6
		Mai a Jul 2016/idem ano anterior (em p.p.)		3,0
Santa Catarina		2º trimestre 2016 (em %)		6,7
		2º trimestre 2016/idem ano anterior (em p.p.)		2,8

INDICADORES MACROECONÔMICOS

PIB Trimestral (em %)		Indústria	FBCF	Cons.Fam.	Cons.Gov.	PIB
2º trim. 2016 / 1º trim. 2016		0,3	0,4	-0,7	-0,5	-0,6
2º trim. 2016 / Idem 2016		-3,0	-8,8	-5,0	-2,2	-3,8
IBC-BR (em %)		Jun/Mai	Jun/Jun	Até Jun		U12M
		0,2	-3,1	-5,4		-5,6
Finanças Setor Público		Até Jul. 2015		Jul. 2016	Até Jul. 2016	
		R\$ mi	% PIB	R\$ mi	R\$ mi	% PIB
Resultado Primário		6.205	0,2	-12.816	-36.592	-1,0
Juros Nominais		-288.623	-8,5	-40.587	-213.899	-6,0
Resultado Nominal		-282.418	-8,3	-53.403	-250.491	-7,1
		<i>Dívida Bruta do Governo Geral (% PIB)</i>				69,5
		<i>Dívida Líquida do Governo Geral (% PIB)</i>				44,1
Setor Externo		Até Jul. 2015		Jul. 2016	Até Jul. 2016	
		US\$ mi		US\$ mi	US\$ mi	
Transações Correntes		-43.572		-4.050	-12.541	
		<i>Bal. Coml.</i>		4.327	26.680	
Conta Financeira		42.719		3.551	8.166	
		<i>IDP</i>		78	33.894	
		<i>Saldo de transações correntes (U12M % PIB)</i>				-1,6
		<i>Necessidade de financiamento externo (U12M % PIB)</i>				-2,5
Câmbio				Jul. 2015	Jul. 2016	
Taxa média - venda (R\$/US\$)				3,22	3,28	
<i>Varição real da taxa de câmbio - dólar americano - (IPA-DI) (U12M em %)</i>				-	-12,2	
<i>Varição real da taxa de câmbio - dólar americano - (IPCA) (U12M em %)</i>				-	-5,8	
Inflação				Jul. 2015	Jul. 2016	Var. (p.p.)
IPCA (U12M %)				9,56	8,74	-0,8
INPC (U12M %)				9,81	9,56	-0,3
Juros				Jul. 2015	Jul. 2016	Var. (p.p.)
Meta da taxa Selic (% a.a.)				14,25	14,25	0,0

Economia para Trabalhadores - Ano IV, edição XXXIX, agosto de 2016. Periodicidade mensal. Subseção do Dieese na Fetesc.

EXPEDIENTE DA FEDERAÇÃO DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS DE SANTA CATARINA - Presidente: Idemar Antonio Martini; Vice-Presidente: Rosane Sasse; Secretário Geral: Landivo Fischer.

EXPEDIENTE DO DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS - DIEESE - Direção Técnico: Clemente Ganz Lúcio; Coordenação Executiva: Patrícia Pelatieri; Coordenação Administrativa e Financeira: Rosana de Freitas; Coordenação de Educação: Fausto Augusto Junior; Coordenação de Relações Sindicais: José Silvestre Prado de Oliveira; Coordenação de Atendimento Técnico Sindical: Airton Santos; Coordenação de Estudos e Desenvolvimento: Angela Schwenger; Supervisor Regional do Dieese/SC: José Álvaro Cardoso; Técnico Responsável pelo Boletim: Mairon Edegar Brandes.